

Déficit deve levar EUA a ampliar protecionismo

O desequilíbrio econômico que a política de comércio internacional do governo Reagan vem provocando aos Estados Unidos, com déficit de US\$ 170 bilhões anuais e uma projeção de crescimento da dívida externa daquele país a cerca de US\$ 1 trilhão na próxima década, têm levado o Congresso norte-americano a assumir posições de simpatia ao protecionismo do mercado interno. Foi o que revelou ontem o deputado pelo partido Democrata Donald Bonker, ao falar a uma platéia de empresários brasileiros e norte-americanos, durante o Encontro Bilateral de Intercâmbio Comercial Brasil-Estados Unidos. Segundo Bonker, existem no momento projetos de lei sendo analisados pelos congressistas norte-americanos, que, se aprovados, poderão representar obstáculos aos exportadores brasileiros, japoneses, coreanos e de vários outros países que têm grande volume de comércio com os EUA.

De acordo com o deputado norte-americano, o objetivo dos congressistas é não só procurar resolver os problemas de desemprego interno e de desequilíbrio econômico, como também estimular os parceiros comerciais dos EUA a eliminar suas barreiras protecionistas e a ampliar o intercâmbio em bases mais justas. No caso brasileiro, os obstáculos se aplicariam em função do protecionismo excessivo do mercado, já que as vendas aos EUA representam apenas 2% das importações daquele país.

Bonker sugeriu a eliminação das restrições que o Brasil tem à importação de 2 mil produtos norte-americanos, afirmando que a política protecionista não é interessante para um aperfeiçoamento do intercâmbio entre os dois países. "Os EUA poderiam adotar a mesma política em relação ao Brasil", advertiu.

O deputado defendeu, também, a desvinculação do comércio do problema do endividamento dos países em desenvolvimento e disse que a posição dos EUA é no sentido de se trabalhar no âmbito do Acordo Geral de Tarifas e Comércio — Gatt — e do Fundo Monetário Internacional, afim de harmonizar as relações econômicas e comerciais entre o país e seus parceiros.



Carlos Chicarino

Shlaudeman: perigo de um novo desastre

NACIONALISMO ECONÔMICO

O embaixador norte-americano, Harry Shlaudeman, por sua vez, disse ser natural o medo da competição e do desconhecido, mas salientou que a busca de um nacionalismo econômico poderá levar a um desastre absoluto, como ocorreu nos anos 30. Shlaudeman fez uma comparação entre a situação brasileira e a norte-americana, países que precisam registrar superávits comerciais elevados em função de seus compromissos externos, mas cuja diferença é que o saldo comercial brasileiro provém exatamente do comércio com os EUA. Salientando que seu país absorveu mais de 50% das exportações da América Latina nos últimos anos, o embaixador disse que esta situação não poderá durar muito tempo. "Talvez as negociações do Gatt no Uruguai sejam a última chance para reverter a tendência protecionista global", afirmou.

Já o presidente da Federação das Associações Comerciais, Amaury Temporal, disse que o Brasil vem sendo discriminado pelos EUA, que dispensam tratamento preferencial aos países do Sudeste asiático, em virtude de sua localização estratégica, em prejuízo para o Brasil. Temporal e Laerte Setúbal, outro empresário brasileiro ligado à área de exportações, salientaram o caráter emergente da indústria brasileira, situação que exige dos países desenvolvidos a compreensão de que o Brasil necessita de garantias e de espaço para o seu desenvolvimento.